

Sidney Nilton de Oliveira¹

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: O ENLACE DO DISCURSO E DA PRÁTICA DA INTOLERÂNCIA

Nas duas últimas décadas têm aumentado assustadoramente os relatos de estudantes que sofreram atos de violência dentro da escola porque exerceram a sua sexualidade, a sua ideologia ou a sua religião. Dentro das escolas ou em seus entornos temos idêntica situação. Mesmo considerando as particularidades regionais ou situacionais percebe-se que as manifestações de ódio se multiplicaram por todo o país. Temas ou *slogans* fascistas não estão enterrados ou banidos como se pensava.

As crianças e adolescentes são, como todos e todas, sujeitos de seu tempo histórico e de seu contexto político, cultural e econômico. Cada forma de organizar nossa vida social deixa suas marcas, cria seus sintomas e liberta seus fantasmas. Em uma sociedade de classe, o desejo é capitulado pelas armadilhas do consumo e da manutenção da estrutura. Há poucas rotas de fuga e as contradições são escondidas de modo manifesto ou latente. Há de se decifrar os portais da emancipação.

Vivemos em uma época do espetáculo, competição e individualismo. A maior parte dos sujeitos tem sua subjetividade capturada por essa lógica. Em tempos democráticos se institui uma ética mais humanista que oscila entre a conciliação e a tolerância, mas o contexto histórico nos captura inexoravelmente. Desconstruir, descolonizar e desenraizar as subjetividades em nossas palavras e em nossas ações é um grande desafio.

A escola é, ao mesmo tempo, lugar de

reprodução e de enfrentamento dessa ideologia. Garantir a pluralidade de ideias e o pensamento crítico dentro das escolas é vital tanto para versões conciliatórias quanto para caminhos revolucionários. A escola, assim como a família, tem um papel estratégico entre a democracia e o autoritarismo, entre os direitos humanos e a barbárie.

. Segundo Freud (2002/1930, p. 70):

A existência da inclinação para a agressão, que podemos detectar em nós mesmos e supor com justiça que ela está presente nos outros, constitui o fator que perturba nossos relacionamentos com o nosso próximo e força a civilização a um tão elevado dispêndio [de energia]. Em consequência dessa mútua hostilidade primária dos seres humanos, a sociedade civilizada se vê permanentemente ameaçada de desintegração. [...] A civilização tem de utilizar esforços supremos a fim de estabelecer limites para os instintos agressivos do homem e manter suas manifestações sob controle por formações psíquicas reativas.

Embora seja ilusória a crença em uma sociedade sem guerras ou violência, também somos marcados pela alteridade desde a nossa constituição. Existe em tudo isso a inesgotável possibilidade de subverter algum desses ordenamentos. Os limites coletivamente estabelecidos e democraticamente instituídos são nossa melhor chance. Ainda assim não nos deixa imune à barbárie. Há um longo caminho a ser percorrido.

Mas, igualmente, a impunidade e a inoperância

¹ Pós-Doutor em Economia da Educação (USP); Doutor em Psicologia Social (USP); Professor Titular da UFPB. Email: sidneynilton@cchla.ufpb.br.

de um Estado que cria as armadilhas melancólicas para as saídas coletivas e para a renúncia do sujeito a sua própria capacidade autoral. O sujeito que não deseja sucumbe à tirania e capitula a opressão. A civilização, sua organização social e suas convenções arbitrárias são inócuas se tomadas a partir do individualismo e do egoísmo.

Os educadores e os especialistas têm enfrentado esse cenário da educação infantil aos programas de pós-graduação. Escolhemos falar aqui de uma parte crucial dessa jornada: o ensino médio. As vésperas da "idade adulta" esses jovens são apaixonadamente envolvidos nesse turbilhão e inexplicavelmente costumam encontrar instituições fechadas às angústias e prazeres mais importantes para elas e para eles.

Uma rápida pesquisa nos noticiários parece apontar que casos de preconceito, discriminação e intolerância parecem se expandir nas escolas paranaenses e brasileiras. E não é por acaso que uma moral sexual conservadora reaparece nesse cenário. Não é por acaso a busca por um inimigo comum. Essas são as bases mais evidentes do fascismo. A juventude e a classe média são catalizadores estratégicos dessa equação.

PSICANÁLISE E ROCK

Faremos aqui uma breve fala sobre uma das muitas possibilidades de se trabalhar com um método inspirado nos *temas geradores*. Resumidamente, a estratégia proposta por Paulo Freire consistia em pesquisar no universo vocabular dos sujeitos o lugar e a subjetividade necessários para a sua significação e para o início da alfabetização. Esse processo se materializa com a conscientização ou domínio das regras e com a contextualização e produção de sentido no universo de cada sujeito e no mundo que estão inseridos.

Com o tempo, o que era *palavra geradora* virou *tema gerador*, até chegar às chamadas obras e produtos de arte que fossem geradores. É com a inscrição nessas condições que tomamos as canções de rock.

É evidente que o rock e seus produtos são reféns do mercado e de toda a indústria cultural. Parece-nos lugar comum dizer que as canções de rock não estão imunes a isso e que o rock pode ser sempre tomado como uma alma rebelde com ações efetivas contra o status quo, mas a cooptação não pode ser generalizada e não cala suas raízes ou leituras divergentes. Dentro da cena independente ou mesmo nas bandas de fama mundial há espaço para problematizações e resgate das raízes negras e libertárias, da contracultura ou das ações

anticapitalistas.

Temos defendido há muito tempo o papel fundamental da extensão e da pesquisa em psicanálise estarem debruçadas sobre estas questões. A psicanálise não pode se ausentar das discussões sobre direitos humanos e cidadania, pois tem uma marca de nascença contra o autoritarismo. Está em campo oposto ao fascismo e ao nazismo.

Como afirmamos anteriormente (2010) "o rock como significante musical é, ao mesmo tempo, ética e estética da produção de subjetividades revelando não só a produção do psiquismo do sujeito, mas da própria sociedade". Em trabalhos anteriores descrevemos que o **mal-estar** magistralmente destacado por Freud ganha contornos valiosíssimos na contemporaneidade neoliberal.

É, a partir dessa leitura que poderíamos entender, por exemplo, como, diante da incompletude do sujeito, a cultura do espetáculo e da performance sequestra os afetos e as subjetividades e os coloca a serviço do consumismo. Queixas recorrentes sobre questões existenciais ou políticas em uma sociedade consumista e individualista faz ainda atual a pessoa retratada na canção de Raul Seixas intitulada "**Ouro de Tolo**" que, apesar de levar uma vida "confortável", se define perdida, infeliz e insatisfeita. Nada tapa o buraco. Nada parece bastar.

A batalha pela alma insatisfeita e incompleta do sujeito ocorre quando no próprio sistema se percebe que o consumo utilizado como negação dessa falta passa a ser inacessível a maior parte da população. E o que fazer com essa legião insatisfeita?

É no vácuo desse mal estar que entram os apelos religiosos, sobretudo neopentecostais que, amarrados em teses moralistas e messiânicas, se advogam capazes da felicidade e da prosperidade.

A cooptação ou conversão das instituições pensantes passa a ser estratégica e fundamental para garantir a hegemonia dominante. Os modelos e as políticas educacionais críticas passam a ser combatidas e perspectivas que impeçam a circulação da palavra são privilegiadas. Como nos alertava Paulo Freire (2000, p. 35):

"A sectarização é sempre castradora, pelo fanatismo de que se nutre. A radicalização, pelo contrário, é sempre criadora, pela criticidade que a alimenta. Enquanto a sectarização é mítica, por isto alienante, a radicalização é crítica, por isto libertadora. Libertadora porque, implicando o enraizamento que os homens fazem na opção que fizeram, os engaja cada vez mais

no esforço de transformação da realidade concreta, objetiva. A sectarização, porque mítica e irracional, transforma a realidade numa falsa realidade, que, assim, não pode ser mudada”

É nesse cenário que a nova onda conservadora se firmou no resgate a conteúdos da família, da tradição e da propriedade. Oscilando entre a reprodução e a resistência, as escolas erguem suas leituras e posicionam suas peças nesse tabuleiro. A correlação de forças políticas e a organização de coletivos possui, evidentemente, um peso muito inferior ao capital e ao mercado.

A escola que indicamos como exemplo estava aderindo a uma posição mais conservadora e repetia, quase como um mantra, que o reposicionamento ideológico se devia por solicitação dos responsáveis e pela preocupação com o futuro dos alunos. O que encontrávamos na escola era um clima tenso onde a resistência de alguns docentes e de muitos se chocava cada vez mais com a posição da gestão escolar. A repercussão de alguns desses conflitos foi que nos possibilitou executar o projeto.

As subjetividades da intolerância casavam perfeitamente com a compensação exigida para sustentar os engodos e as classes sociais da sociedade do espetáculo. Como afirmamos em diversas oportunidades, o ataque às ciências humanas ou às metodologias interpretativas e qualitativas seguem a liturgia de um reordenamento tecnicista e conservador da educação.

A infantilização e a alienação encontradas em Freud e Marx oferecem uma base importante para compreender a fragilidade das argumentações institucionais, ancoradas compulsivamente no respeito à família e aos valores humanistas e cristãos.

A ESCOLA EM TEMPOS INTOLERANTES

Na Universidade Federal do Paraná (UFPR) atuávamos no ensino, pesquisa e extensão na área da psicologia escolar e educacional. Nossos projetos tinham como objetivo contribuir para a formação dessa especialidade na perspectiva dos direitos humanos. Partimos de uma base epistemológica crítica a partir da psicanálise. Apesar das resistências² de um saber que se advoga como fundamental, mantivemos por quase duas décadas um projeto de estágio baseado nessa perspectiva³.

O projeto que tomarei como exemplo teve uma demanda regular e se manteve ativo nos últimos 15

anos de estágio profissionalizante em escolas do ensino médio. A ideia nesse projeto era similar aos círculos de cultura de Paulo Freire. Formávamos grupos pequenos com 15 voluntários no máximo, que discutiram direitos humanos na escola. O formato era simples: após apresentação e debate do projeto, escutávamos as queixas e definíamos coletivamente um tema a ser explorado. No encontro seguinte apresentávamos uma canção. Cabia ao grupo fazer os enlaces e clivagens da relação tema e música.

Assim como fazíamos com os gestores e pedagogos da escola, apresentávamos inicialmente nosso projeto e, ao mesmo tempo, o campo de atuação e as funções e objetivos do psicólogo escolar educacional. Apresentávamos e discutíamos a mesma proposta com alunas e alunos. Habitualmente formávamos grupos docentes, discentes e mistos. Ocasionalmente algum técnico ou especialista participava. Em uma ocasião, em outra escola, conseguimos também executar esse projeto em grupo composto por pais, responsáveis e membros da comunidade.

Entretanto, há de se destacar, que as demandas iniciais se concentravam em denúncias ou pontuações sobre ações de intolerância religiosa. As queixas eram cada vez mais frequentes e com o tempo não pertenciam somente aos alunos, pois em intervenções paralelas apareciam nos discursos de alguns professores, especialistas e técnicos da escola.

Como orientador de estágio minha principal intervenção era coordenar e dirigir as intervenções dos estagiários nesse projeto. Os boicotes e os constantes cancelamentos de autorizações e permissões me fez realizar diversas reuniões com a direção e a coordenação pedagógica para poder continuar com os grupos de discussão.

Partindo de uma perspectiva psicanalítica, no campo escolar e educacional, procurávamos orientar nossos estagiários que era fundamental que toda nossa atividade contribuísse para que a posse e a circulação da palavra pelos sujeitos e pelos grupos de discussão fossem asseguradas. Era fundamental defender uma escuta e um lugar de afirmação e de reconhecimento.

Quando a escola reproduz as políticas hegemônicas, esvazia as relações simbólicas e interdita as autorias originais o que condena os sujeitos a incorporar os afetos, as cognições e as ideologias hegemônicas. Essa clivagem institucional tende a impedir a circulação da palavra, instituindo um lugar vazio a crítica e a divergência. O próprio convênio da universidade com essa escola passou por uma inédita e mediação da coordenação pedagógica da escola.

A escola que mais realizou este projeto foi uma

escola privada de ensino médio em um bairro de classe média em Curitiba. Temos um convênio que nos permitia oferecer até 4 estagiários de psicologia escolar e educacional a cada ano. Esses estagiários sob nossa supervisão têm a tarefa de elaborar um projeto sobre direitos humanos dentro dessa escola. Como todo estágio de psicologia há diversas fases e procedimentos iniciais. A queixa inicial foi de intolerância religiosa por parte dos alunos e de alguns professores.

No grupo inicial, composto por 8 alunos e 7 alunas das duas primeiras séries do ensino médio, surgiu uma clara demanda e denúncia: os diversos episódios de intolerância religiosa na escola estavam incomodando. Após a escolha da discriminação gerada a partir do preconceito e da intolerância religiosa como tema a ser explorado, oferecemos a canção **Get Back** dos Beatles como catalizadora das discussões.

Em todos os modelos⁴ desse projeto contextualizávamos a época do surgimento da canção ou da versão escolhida, contávamos um resumo da história da banda e, quando possível, exibíamos um vídeo legendado da canção e de seus interpretes. No caso da canção **Get Back**, ainda muito atual, sustentou as problematizações e os encaminhamentos do projeto ao longo de todo o ano. Apesar das diferenças de geração e época essa canção sempre provoca problematizações e *insights* sobre a discriminação, o preconceito e a intolerância racial, política, religiosa e sexual.

O retorno da educação religiosa é um poderoso aliado da implosão da escola laica. Na escola que recebeu nosso projeto a volta do ensino religioso veio justificada por uma necessidade da escola de resgatar os valores do humanismo cristão e de atender os apelos e reivindicações das famílias e da comunidade.

Com o amadurecimento do grupo, os temas pertinentes (como causa ou sintoma), foram incluídos no processo. O limite, ou castração como preferiam, ocorria para além do continente do projeto. Mesmo desconectado da intolerância religiosa os temas de direitos humanos eram a nossa fronteira e nosso enquadramento.

O grêmio estudantil, a APM e muitos professores começaram a circular suas falas e tomar de volta seus lugares. Embora o ensino religioso tenha se estabelecido, ao retornarmos na escola quase dois anos depois percebemos mudanças significativas e importantes, sobretudo no respeito às diferenças e na escuta aos docentes e discentes. Nas reuniões de avaliação do projeto percebemos que o rock possibilitou desconstruir práticas hegemônicas e desmontar processos engessados.

Conclusão

Pensando em uma formação crítica do psicólogo educacional na perspectiva dos direitos humanos e desejando contribuir para uma educação plural, crítica e emancipadora buscamos tomar a produção artístico-ideológica das grandes bandas de rock, como desencadeadora, no espaço escolar-educacional, de uma prática emancipatória que desconstrua as dinâmicas de segregação e interdição simbólica e imaginária de um sujeito, de uma comunidade ou de um grupo

A experiência didático-pedagógica resumida neste trabalho levou em conta as diferentes formatações estéticas e melódicas do rock fomentando ações e instituindo uma práxis frente ao real, possibilitando novos destinos para o desejo em um processo de alteridade e respeito a singularidades, por meio de projetos socialmente compartilhados.

A interdição da autonomia permite que se naturalize reproduza um simbólico colado no hegemônico. É esse caminho que abre as portas para a intolerância. A sustentação subjetiva e afetiva dessa condição vai muito mais além da repressão. Por isso, é por meio do recalque que se ergue uma ética coerente à dominação e se contamina toda a representação simbólica do sujeito.

Referências

- ADORNO, Theodor. (1995). Educação após Auschwitz. In: Palavras e sinais. Modelos críticos 2. Tradução de Maria Helena Ruschel. Vozes: Petrópolis.
- DEBORD, GUY. (1997). A sociedade do espetáculo. Contraponto: Rio de Janeiro.
- FREIDANDER, Paul. (2002). Rock and Roll – Uma História Social. Record: São Paulo.
- FREIRE, Paulo (1997). Pedagogia da Autonomia. Paz e Terra: São Paulo.
- FREIRE, Paulo. (2000) Pedagogia do Oprimido. Paz e Terra: Rio de Janeiro.
- FREUD, Sigmund (2002). O mal-estar na civilização (1930). In: _____. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. vol. XXI. Imago: Rio de Janeiro.
- GENTILI, Pablo e ALENCAR, Chico (2001). Educar na

Esperança em Tempos de Desencanto. Vozes: Petrópolis.

JARES, Xesus. (2001). Aprender a conviver. Xerais:Vigo.

OLIVEIRA, Sidney (2010) . Psicanálise, Práticas Escolares e Direitos Humanos. Revista Adverbum 5 (1) Jan a Jul de 2010: pp. 03-09, Campinas.

OLIVEIRA, Sidney N. (2011). Educar para os Direitos Humanos em Época de Violência e Intolerância: Reflexões Psicanalíticas. Anais do I Congresso Internacional de Saúde Mental. Unicentro: Irati.

TURNER, Stive. (2009). The Beatles: A história por trás de todas as canções. Cosac Naify: São Paulo.

VITECK, Cristiano. (2007). Punk: Anarquia, Neotribalismo e Consumismo no Rock'n'Roll. Revista Espaço Plural. Ano VIII, n. 16, São Paulo.

Notas

¹ Conferência ministrada em evento promovido pela Rede de Estudos e Pesquisas sobre Liderança e Empreendedorismo – RINEPE em 15 de maio de 2013. Este texto inspirou o artigo "O ROCK COMO ESTRATEGIA DE ENFRENTAMENTO DA INTOLERANCIA RELIGIOSA NA ESCOLA " que foi publicado na revista *Psicología Básica y Aplicada*, Volumen 1, Numero 1, pg 11-19, Departamento de Psicología de la Facultad de Filosofía y Ciencias Humanas de la Universidad Católica "Nuestra Señora de la Asunción", Asuncion, Paraguay, 2015.

² As teorias progressistas ou críticas continuam a sofrer resistências até mesmo dentro da academia e não é diferente dentro da área escolar e educacional do curso de psicologia, pois se discutia muito mais o Tratado de Bologna do que a Geopolítica da Fome.

³ Os estágios profissionalizantes se somavam aos grupos de estudo, as disciplinas optativas, aos projetos de pesquisa e extensão e outras atividades que montavam a formação de psicologia escolar e educacional na perspectiva dos direitos humanos.

⁴ Cito, como exemplo, o inconformismo com a situação política e social por meio da música Satisfaction dos Rolling Stones, a opressão social e educacional em The Wall de Pink Floyd, a solidão e a invisibilidade em Nowhere Man dos Beatles, a não-violência e a justiça social em Blowin' in the Wind de Bob Dylan e Give Peace a Change de John Lennon. Houve, também a inclusão de bandas engajadas ou ativistas, e propor, por exemplo, uma discussão política, econômica e social a partir de álbuns do The Clash, RATM, Green Day, Plebe Rude, Sex Pistols, Garotos Podres, entre outros.